



Quando você chega à Vila da Gorongosa (ex-Paiva de Andrade) não pode acreditar que está a alguns quilômetros de um dos maiores teatros de guerra contra os bandidos. Talvez mesmo o maior. As casas, as pessoas, as machambas, tudo fala de paz.

Quando você chega a Maringwé, a noroeste da Gorongosa, não pode acreditar como é possível tanta selvajaria. É uma vila totalmente destruída, dinamitada pelos bandidos.

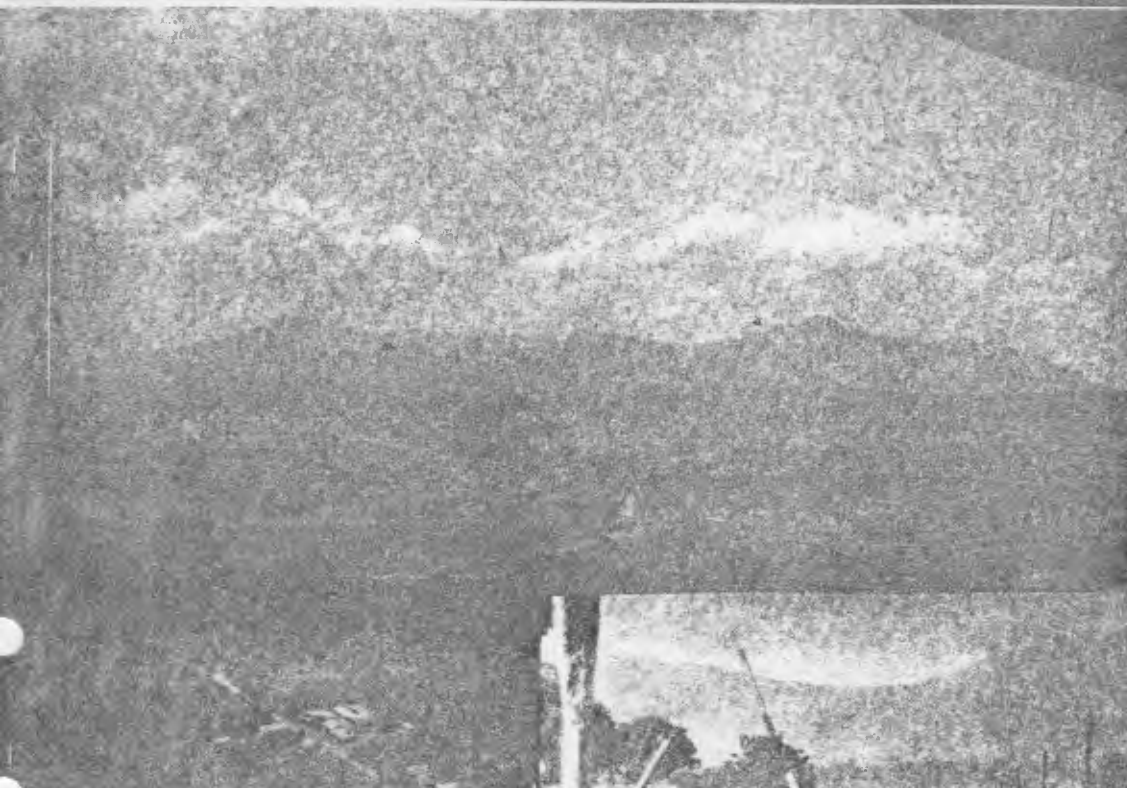
Tanto na Gorongosa como em Maringwé, encontram-se os retratos da verdadeira face dos bandidos armados.

A vila da Gorongosa é dominada pela serra do mesmo nome. Uma obra-prima da natureza, imponente, majestosa, histórica. Mas essa serra assim bela, assim ímpar, é o principal ponto de desdobramento dos bandidos armados. É ali que se encontram (ou pelo menos vão com muita frequência) os seus principais chefes, refugiados numa das vertentes da serra que termina em planície, denominada Cavalão. É ali que com frequência aterram aviões vindos da África do Sul, ora numa velha pista que fazia parte do complexo fazendeiro de um britânico («Casa do Inglês») ora em pistas de terra batida perfeitamente visíveis quando se passa de avião, ora em troços de alcatrão de uma faixa de estrada abandonada.

Texto  
e fotos de  
Albino Magala

# GORONGOSA E MARINGWÉ

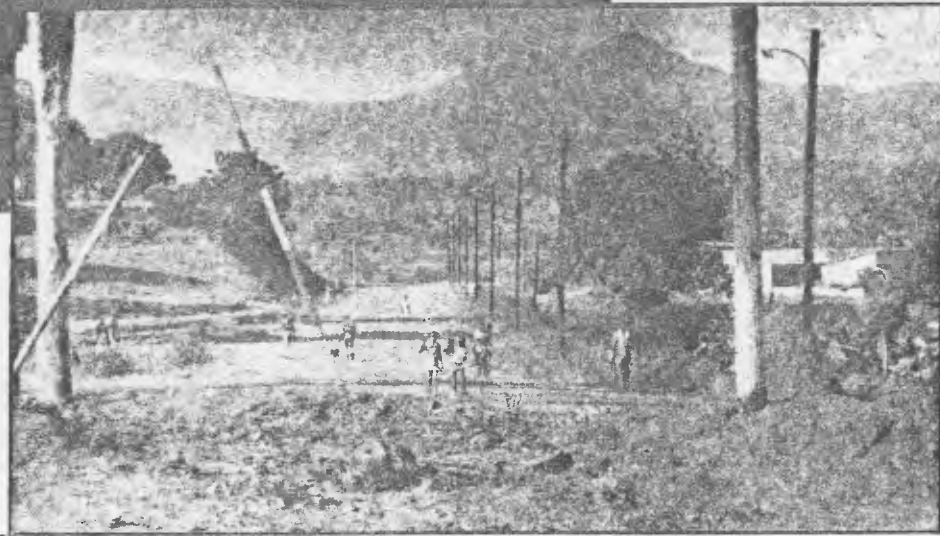
# A verdadeira face dos bandidos armados



A serra da Gorongosa, ao fundo, que os bandidos pretendiam transformar num centro para o lançamento das suas acções naquela região.

Dos acampamentos da serra da Gorongosa, os bandidos armados progridem para todas as direcções — Sofala, Manica, Tete, Zambézia, Inhambane. É daí que estabelecem ligação com os acampamentos de Ximaniani e Musso-rize, em Manica, e mesmo o acampamento de Tome, recentemente destruído em Inhambane, tinha ligações com Gorongosa. Aqui está o que eles chamam de seu «estado maior».

Não admira, pois, que seja aqui onde se encontra o bandido mais selvagem, de um barbarismo inqualificável. Os bandidos dali praticam o canibalismo e todas as manhãs tomam suruma fervida



como se fosse chá, reforçada com dtoga de ampolas. Mais do que noutras partes, vivem rodeados de curandeiros a quem consultam em cada acção. Um dos curandeiros mais afamados da zona, consultado antes de uma tentativa de assalto à vila da Gorongosa, por

ter dito que esse empreendimento fracassaria, segundo lhe diziam os seus «espíritos», foi assassinado pelos bandidos. Acharam que não dizia a verdade. O Matsangaíssa, de nome próprio, morreu junto a uma das pontes que se encontra dentro da vila da Gorongosa. O curandeiro que consultou havia-lhe dito que não havia perigo, que poderia assaltar a vila. O seu bando foi totalmente desbaratado pelas Forças Armadas e ele próprio perdeu a vida.

#### SITUAÇÃO DURA

A população da vila da Gorongosa é uma população heróica. A vila foi ocupada pelos bandidos no ano de 1982, mas foram dali tirados pelas Forças Armadas. Desde aí multiplicaram-se as tentativas de reconquistar a vila, todas elas em vão. Milícias e soldados não dão chance aos bandidos. Hoje a área controlada pelas nos-



Uma vida tranqüila a poucos quilómetros da guerra

sas forças é uma verdadeira fortaleza e não é exagero dizer que é impossível aos bandos armados obter sucesso numa tentativa de assalto à vila. Por isso eles andam pela mata cerrada onde são constantemente alvo do fogo das nossas forças. Ouvir o estrondo das armas, é coisa trivial em Gorongosa. Até as crianças não se assustam. Onde está o bandido estão as Forças Armadas a fazer-lhe perseguição.

Neste momento, um dos acampamentos mais importantes dos bandidos está no monte Tsiquire. É daqui que eles partem para realizar sabotagens na estrada Gorongosa-Inchope. Tratando-se de uma montanha de difícil acesso e fortemente arborizada os bandidos continuam por lá. Mas

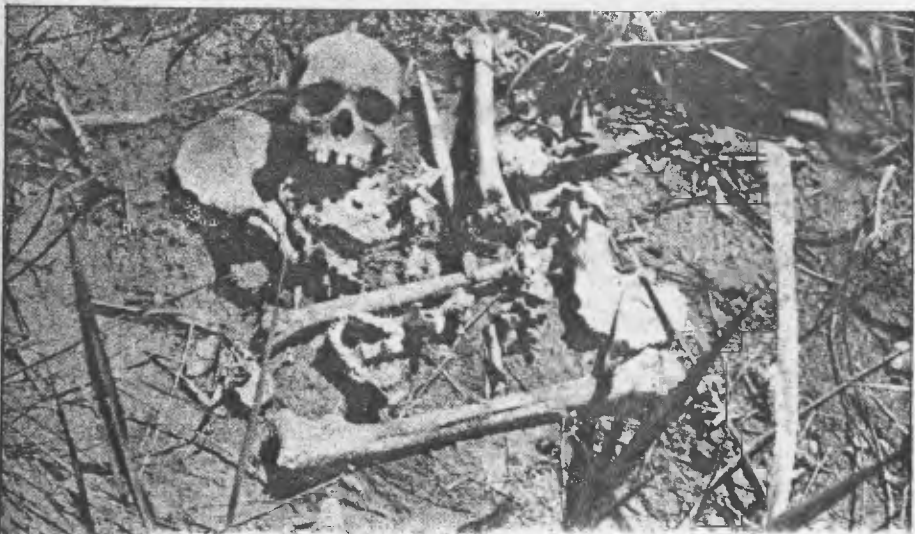


Mulheres limpando capim em terrenos baldios da vila da Gorongosa



Jornalistas recolhendo informações junto à população de «regressados»

Restos de uma vítima dos bandidos armados



não será por muito tempo, certamente. O desbaratamento daquele acampamento é uma acção fundamental para o restabelecimento da normalidade na já referida estrada e para o reatamento da vida turística no Parque Nacional.

Para o sucesso das Forças Armadas conta-se com o ódio que a população da zona nutre contra o bandido. É verdade que os bandidos têm, consigo, muita população que controlam à força. Mas todas as semanas, a exemplo de outras zonas de Sofala que estão em guerra, grupos numerosos de populações fogem dos acampamentos dos bandidos e entregam-se ao exército. Vêm rotos, esmoeados e, por vezes completamente nus.

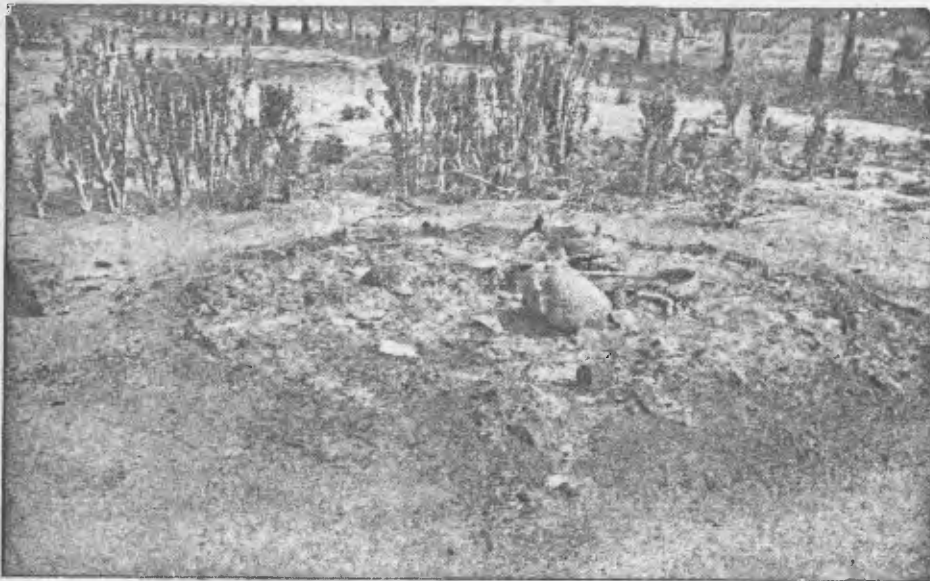
## NA ESTEIRA DA MORTE

Esse ódio que a população sente pelo bandido resulta das terríveis recordações dos tempos em que a vila estava ocupada pelos bandidos. Povoações inteiras ficaram desabitadas, com as populações refugiadas nas serras. Aqueles que ficaram nas mãos dos bandidos, assistiram a horrores: desrespeito pelos velhos, abuso às mulheres, perseguição daqueles que faziam parte das estruturas políticas. Muitos foram barbara-

mente assassinados numa colina próxima da vila, transformada em cemitério sem campos. Aos tiros, à facada ou à paulada, os bandidos assassinaram dezenas de homens a quem, propositadamente, não enterraram. Por isso os seus esqueletos encontravam-se ao relento nessa colina. Para descobri-los, ao tempo que lá estivemos, não era necessário muito esforço porquanto o local está, de facto, semeado de morte. O Comissário das forças estacionadas na Gorongosa, após a recolha de factos pelos jornalistas nacionais, mandou retirar todos os crâneos e ossadas para um local onde se pretende construir um museu com as



O tanque que abastecia água a Maringwé



O que sobrou duma palhota queimada pelos bandidos



Carros carbonizados

provas da barbaridade dos bandidos armados.

## MARINGWÉ

A população de Maringwé é de gente corajosa. Este distrito fica a noroeste da Gorongosa e tem uma área de 6215 km<sup>2</sup>. Quando visitámos a sua sede, de mesmo nome, encontrámo-la totalmente destruída e com apenas 400 dos seus seis mil habitantes. Os restantes haviam sido evacuados pelas Forças Armadas, no dia 5 de Setembro de 1983, após a vila ter sofrido um assalto dos bandidos armados. O reduzido efectivo das FPLM, para não sacrificar vidas civis, optou por evacuar toda a população para Sena, junto à linha férrea.

Os bandidos pensaram que tinham ganho a situação. Mas as nossas forças, com os civis a salvo, reorganizaram-se e iniciaram a marcha sobre Maringwé duas semanas após a retirada. Essa marcha não foi fácil porque, entretanto, os bandidos tinham colocado grupos avançados para impedirem a progressão do exército. Revelou-se inútil essa medida. Aterrorizados os bandidos foram vendo as FPLM aproximando-se.

Em Maringwé há uma exploração mineira que, neste momento, está abandonada devido à guerra. Nessa mina havia muito dinamite para a abertura de galerias. Os bandidos, face à marcha imparável do exército, foram à mina, tiraram de lá todo o dinamite e começaram a sua colocação em todas as casas da vila: escola, hos-

pital, lojas, administração, residências, tanque de água, etc. Reforçaram o dinamite com minas, e destruíram tudo. Depois queimaram as palhotas e fugiram para as matas.

É desolador ver o resultado desta triste façanha assassina. Maringwé é um monte de pedras e paredes demolidas. Será esta uma das mais selváticas acções dos bandidos armados em toda a memória desta guerra.

## UM DISTRITO RICO

O distrito de Maringwé tem razões suficientes para ser alvo dos bandidos. Em 1980/81 produziu cerca de duas mil toneladas de algodão só no sector familiar. É o maior produtor algodoeiro de Sofala apesar de não ter sector cooperativo e sector estatal. Devido à acção dos bandidos, a promissora campanha de 1981/82 viu o algodão estragar-se nas machambas antes de ser apanhado. Em 1982/83, não se produziu algodão e todo o circuito produtivo ficou paralisado. Reina a fome em todo o distrito. Já não se produz milho, mapira, mexoeira, gergelim e girassol, produtos de eleição naquelas terras.

Em meados do mês de Dezembro a população que estava em Sena iniciou o regresso a Maringwé. No primeiro grupo vinham à volta de mil e cem pessoas. Re-

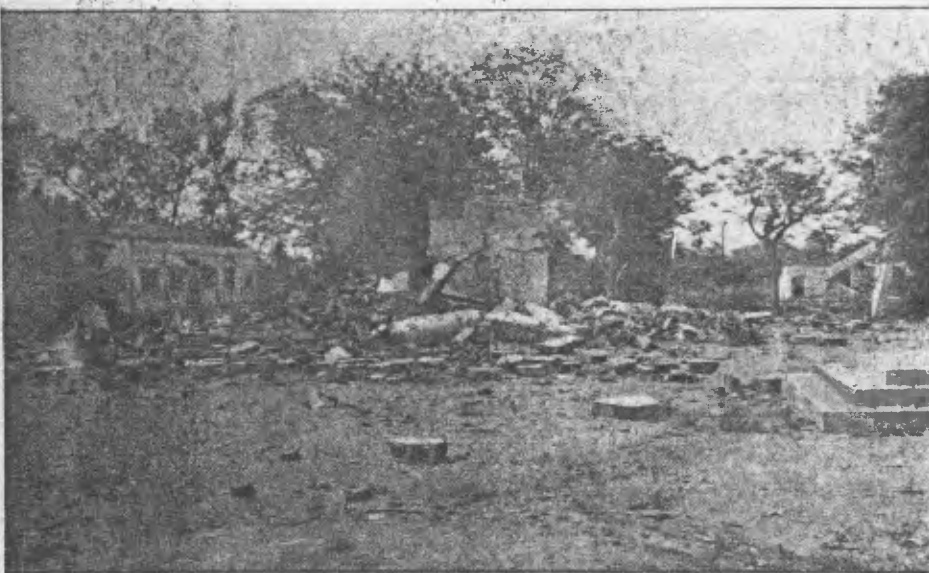


Habitacões demolidas

gressavam para reconstruir as suas casas.

Em Sena haviam recebido todo o apoio incluindo escola para os seus filhos. Os jovens que fizeram a 5.ª classe, foram internados na Escola Secundária de Chemba, onde vão prosseguir os seus estudos. Aos adultos, muito trabalho os espera porque terão que começar do zero. Ao tempo, as chuvas ainda não tinham começado a cair e não havia sementes.

Mas o heroísmo das populações e das FPLM não conhece limites. E não duvidamos que juntos irão transformar a dor e desolação que reina em Maringwé numa luz de esperança e num enriquecimento da história deste Povo. □



A destruição em toda a área da vila